

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOTÍCIA SOBRE UMA FALANGE-ÍDOLO GRAVADA DO MUSEU DR. SANTOS ROCHA NA FIGUEIRA DA FOZ.

GUERRA, A. Vítor; FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1971 | Número: 81

Como citar este documento:

GUERRA, A. Vítor; FERREIRA, O. da Veiga, Notícia sobre uma falange-ídolo gravada do Museu Dr. Santos Rocha na Figueira da Foz. *Revista de Guimarães*, 81 (1-2) Jan.-Jun. 1971, p. 43-49.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Notícia sobre uma falange-ídolo gravada do Museu Doutor Santos Rocha na Figueira da Foz

Por A. VÍTOR GUERRA
e O. DA VEIGA FERREIRA

I — Introdução

A falange-ídolo, que ora trazemos a público, foi encontrada, com outra não gravada, pelo Doutor Santos Rocha no monumento n.º 8 de Alcalar (Mexilhoeira Grande-Algarve) (1).

Como é sabido o grande arqueólogo que foi Estácio da Veiga publicou sete monumentos explorados, quase na totalidade, pelo Padre Nunes da Glória (2). Santos Rocha, continuando as explorações de Estácio da Veiga no Algarve, localizou e explorou mais dois a que deu os números 8 e 9.

O espólio deste monumento n.º 8 consta de grais de mármore, lâminas de sílex ou de rochas duras, silicificadas, cerâmica, etc.

Ao limparmos, classificarmos e beneficiarmos as colecções do Museu da Figueira, com vista à instalação no futuro edifício, encontrámos numa caixa, com indicação de ossos de cavalo, esta falange fragmentada e toda

(1) A. dos Santos Rocha, «Dolmens de Alcalar» *Bol. da Soc. Archeológica Santos Rocha*, n.º 2, Figueira da Foz, 1904.

(2) S. P. M. Estácio da Veiga, «Antiguidades monumentaes do Algarve», vol. I, 1886 e vol. III, 1889, Lisboa.



Fig. 1 — Distribuição das falanges-idolo gravadas em estações pré-históricas portuguesas. 1—Lapa da Bugalheira (Torres Novas); 2—Castro de Vila Nova de S. Pedro (Cartaxo); 3—Castro de Olelas (Sintra); 4—Tholos de S. Martinho (Sintra); 5—Gruta artificial do Tojal de Vila Chã (Carenque); 6—Tholos n.º 8 de Alcalar (Mexilhoeira Grande).

cheia ainda com a terra da sepultura, que tapava completamente toda a obra de gravura. Santos Rocha fala de duas falanges no seu trabalho, mas não descreve nenhuma nem teve tempo, pela sua morte prematura, de ver que estava em presença duma falange-ídolo de grande raridade.

É, pois, sobre esta bela peça de Museu que redigimos esta nota.

II — *Descrição da falange-ídolo*

A falange-ídolo é trabalhada numa falange de equídeo, adelgada e afeiçoada para apresentar a forma antropomórfica idolátrica, e ostenta, vista pela face anterior, quatro sulcos largos e profundos, mostrando a tatuagem facial por debaixo de dois gravados grosseiros e irregulares representando, possivelmente, os olhos. A tatuagem facial, de um e outro lado da falange, inflecte para cima em zig-zag, e é muito típica neste género de esculturas com figuração humana estilizada. Na face posterior, no local correspondente à cabeça, foram feitos uma série de sulcos em zig-zag, até ao nível do primeiro sulco que representa a tatuagem facial, imitando o cabelo ondulado da figurinha antropomórfica. Medidas: altura máxima 75 mm, largura na cabeça 4 mm, largura na base 50 mm, espessura máxima 35 mm, espessura mínima 18 mm. Área ocupada pela tatuagem — 12mm × 21 mm; comprimento do cabelo 30 mm.

III — *Comparação, distribuição geográfica e cronologia da falange-ídolo*

Em primeiro lugar temos de comparar a falange-ídolo do monumento número 8 de Alcalar com as suas congéneres da Península de Lisboa. Assim podemos mencionar, de norte para sul, as seguintes: as duas da Lapa da Bugalheira (Torres Novas)⁽³⁾, gravadas e pintadas

(3) A. do Paço, M. Vaultier e G. Zbyszewski, «Nota sobre a Lapa da Bugalheira», *Actas do I Congresso Nacional de Ciências Naturais*, vol. II, Lisboa, 1941.

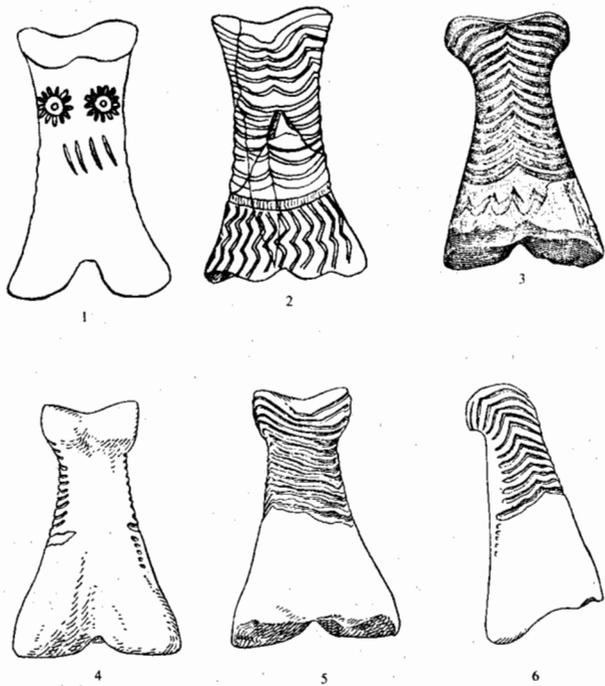


Fig. 2—Falanges-idolo de Portugal. 1 e 2 Olelas; 3 S. Martinho de Sintra; 4, 5 e 6 Gruta artificial do Tojal de Vila Chã (Carenque)

também com a indicação do cabelo; metade de uma falange gravada de Vila Nova de S. Pedro (Cartaxo) (4); uma, também gravada do Castro de Olelas (Sintra) (5); uma gravada de uma das «tholos» de S. Martinho (Sintra) (6) e, por último, uma encontrada nas grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque) (7) também gravada.

Podemos ainda indicar ídolos-falange afeiçoadas que, ou teriam sido preparadas para a gravura, ou teriam sido pintadas, pois algumas delas, como a do monumento megalítico das Conchadas (Belas), (8) e a do Povoado da Penha Verde (Sintra) (9), etc., têm ainda restos de pintura a vermelho.

Estes ídolos-falanges filiam-se nas conhecidas falanges pintadas ou gravadas ou as duas coisas, dos grandes túmulos de cúpula do Sudeste espanhol, região de Los Millares-Almeria-Almizaraque (10). L'Abbé Henri Breuil fez um inventário deste tipo de ídolo, e de outros também de ossos de animais, na sua monumental obra publicada em 1935 (11).

Em Portugal esta escultura, de finalidade religiosa, acompanha a cultura do vaso campaniforme e a cultura das grandes «tholoi», com manifesta influência de Los Millares. Cremos ser uma manifestação religiosa ligada ao povo da Idade do Cobre, tanto faz seja da cultura

(4) E. Jalhay e A. do Paço, «vidé a vasta bibliografia sobre o povoado de Vila Nova de S. Pedro e em especial, «El Castro de Vila Nova de S. Pedro. *Actas y Mem. de la Soc. Esp. de Antrop. Etnog. y Prehistória*, T. XX, Madrid, 1945.

(5) E. Prescott Vicente e E. Cunha Serrão, «O castro eneolítico de Olelas», *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XXXIX, Lisboa, 1958.

(6) M. Apolinário, «Necrópole neolítica do Vale de S. Martinho (Sintra), *O Archeologo Português*, vol. II, Lisboa, 1896.

(7) M. Heleno. «Grutas do Tojal de Vila Chã (Carenque) Lisboa, 1933.

(8) Vera Leisner e O. da Veiga Ferreira, «Monumentos megalíticos de Trigaches e de A-da-Beja,» *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XLV, Lisboa, 1961.

(9) G. Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, «O povoado pré-histórico da Penha Verde (Sintra). *Com. Serv. Geol. de Portugal*, T. XXXIX, Lisboa, 1958.

(10) Georg e Vera Leisner, «Die megalithgräber der iberischen halbinsel, Berlin, 1943.

(11) H. Breuil, «Les peintures rupestres schématiques en la Péninsule Iberique», vol. IV, Paris, 1935.

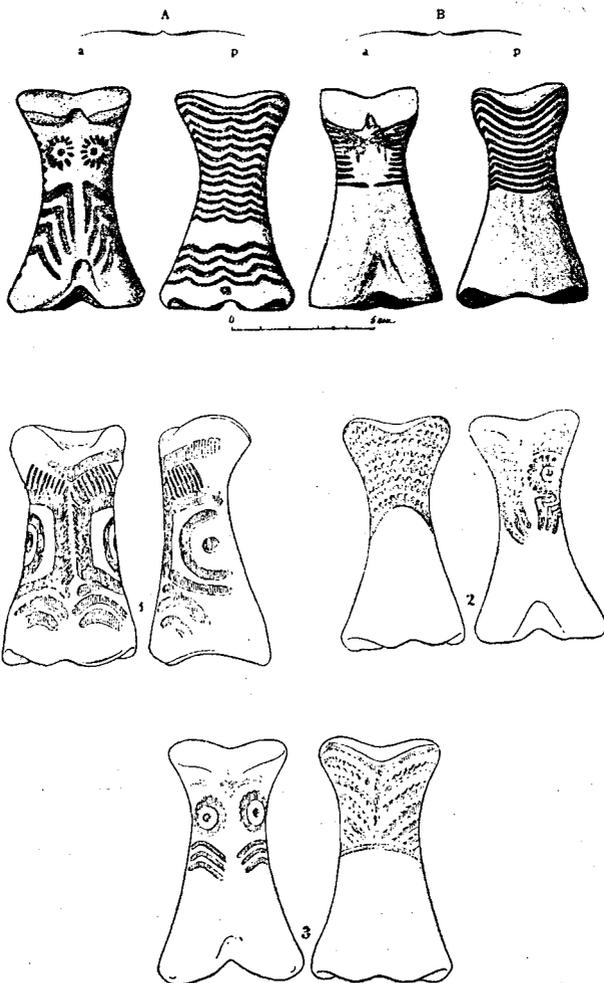


Fig. 3 — Falanges-ídolo de Portugal e de Espanha. A e B Lapa da Bugalheira (Torres Novas); 1, 2 e 3 região de Almizaraque (Sudeste espanhol)

costeira do vaso campaniforme desde Los Millares ao Vale do Tejo, como da cultura dos grandes monumentos do Sudeste espanhol, como as «tholoi» e galerias cobertas gigantescas.

Estas culturas manifestam-se também em povoados costeiros característicos, desde Almeria até Outeiro (Sesimbra), Rotura (Palmela), Olelas (Sintra), Zambujal (Torres Vedras), Columbeira (Bombarral), Vila Nova de S. Pedro (Cartaxo), Pedra de Ouro (Alenquer), etc.

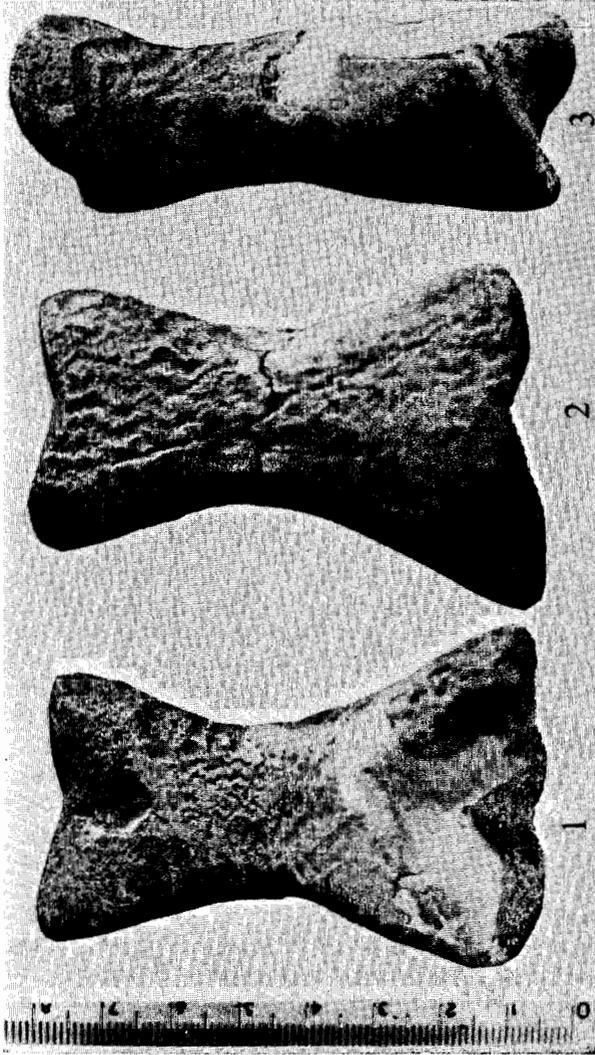
Com esta descoberta estabelecemos o elo de ligação, para este tipo de ídolo, entre o Sudeste espanhol e a península de Lisboa. Mais tarde ou mais cedo aparecerá na península de Setúbal. Se não apareceu ainda no Alto e Baixo Alentejo é porque o terreno ácido não conserva o osso nem o calcário, pois nestas províncias portuguesas a descoberta de grandes «tholoi», nos últimos anos, é uma realidade incontestada (12).

Resta, para terminar, situar cronologicamente a falange-ídolo do Museu da Figueira da Foz. Como se sabe os monumentos da Alcalar, numa fase já avançada da Idade do Cobre, devem situar-se à volta dos 2 200 anos a. C. A «tholos» de A-dos Tassos em Ourique deu, pelo rádio-carbono 14, uma data de 1850 ± 200 a. C. (13). Admitindo que os monumentos de Alcalar serão mais antigos, pois a progressão cultural veio de Almeria via Algarve, aquela data para a falange não será muito fora de propósito. Teríamos pois para a falange-ídolo do monumento n.º 8 de Alcalar, explorado por Santos Rocha, a data aproximada de 2 200 anos a. C.

(12) Abel Viana, O. da Veiga Ferreira e R. Freire de Andrade, «Um túmulo de «tipo alcalarensis» nos arredores de Aljustrel», *Revista de Guimarães*, vol. LXXI, n.º 3-4, Guimarães, 1961.

M. Farinha dos Santos e O. da Veiga Ferreira, «O monumento eneolítico de Santiago do Escoural», *O Arqueólogo Português*, vol. III, série III, Lisboa, 1969.

(13) Vera Leisner e O. da Veiga Ferreira, «Primeiras datas de rádio-carbono 14 para a cultura megalítica portuguesa», *Revista de Guimarães*, vol. LXXIII, n.º 3-4, Guimarães, 1963.



Três aspectos de falange-idolo gravada, existente no Museu Doutor Santos Rocha na Figueira da Foz